



FAXINFORME

CLIPPING

JORNAL DE
negócios



Tiragem: 16.981

Área: 3026cm²/ 81%

Data: 13.07.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:10;12;11;13



Reportagem

M A moda da Mouraria

A Mouraria está diferente. Os largos do Martim Moniz e do Intendente ganharam nova vida. Aqui e acolá há espectáculos e concertos. Amanhã, há Xutos & Pontapés ao vivo. Há esplanadas, novas cores, várias culturas, à imagem do cenário multicultural do bairro. E mais. Prevê-se que, para o ano, o Centro de Inovação da Mouraria esteja concluído. Será um pólo de inovação para pequenas e micro-empresas. O Centro Comunitário, da responsabilidade da Associação Renovar Mouraria, está em fase de obras. “A auto-estima das pessoas aumentou”, garante Filipa Bolotinha, dirigente da associação.

FILIPE PACHECO

filipepacheco@negocios.pt

BRUNO SIMÃO

Fotografia

No Martim Moniz, as crianças ainda jogam à bola. Sete miúdos, filhos de imigrantes, não ligam às novas esplanadas que ali se instalaram recentemente, com cores africanas, iguarias japonesas, plantas que enchem de verde os balcões. As crianças preferem brincar. Os adultos é que se sentam nas esplanadas. Duas

delas estão cheias. Sentados estão turistas, portugueses e imigrantes. Muitos bebem cerveja. Algumas pessoas apenas passam, outras sentam-se nos bancos distribuídos diante dos repuxos de água que se estendem ao longo da praça.

O Martim Moniz já não é apenas um ponto de passagem. Adriana Freire mora no “epicentro do bairro”. Ali se senta, numa das esplanadas em frente às Residências do Martim Moniz, acompanhada de Kamal. O imigrante do Bangladesh saiu de Londres há um ano e veio para Lisboa ter com amigos que têm um restaurante no bairro. Kamal é o cozinheiro. Adriana e Kamal



são, de certa forma, uma pequena amostra de uma Mouraria multicultural. Do bairro do fado, dos chineses, dos indianos, dos africanos, de um local onde abundam pequenos negócios. Kamal está cá para isso, para montar o seu negócio, como diz.

Adriana Freire passou 20 dos seus 50 anos na Mouraria. Nota-o com satisfação. E gosta das novas esplanadas. “É bom ter algo moderno perto de casa, onde nos possamos vir sentar”. A renovada Praça do Martim Moniz arrancou há pouco mais de um mês. Os quiosques ali existentes servem agora comida africana, brasileira, vegetariana, indiana e também portuguesa. Aos fins-de-semana, funciona há um “mercado de fusão”, onde se instalam comerciantes de vários ramos e culturas.

“No Martim Moniz é que se notam diferenças”

A Mouraria, por fora, está a mudar, como sempre esteve, aliás, desde que se foram ali instalando imigrantes. Mas Adriana afirma que, por agora, apenas são visíveis as diferenças na Praça do Martim Moniz, onde a empresa NCS – Produção, Som e Vídeo ganhou a concessão da exploração dos quiosques da praça. “Estamos a tentar mudar a imagem negativa do Martim Moniz, transformando-o numa marca. Queremos criar uma nova dinâmica e trazer outros projectos para esta zona. Queremos ter um público heterogéneo e trazer sangue novo para aqui”, explica José Rebelo Pinto, administrador da NCS.

Quando se soube que iriam ali nascer ali novas esplanadas, Adriana recebeu que os habituais frequentadores deixassem de aparecer na praça. Os imigrantes, porém, permaneceram. E os filhos continuam ali a brincar, a jogar à bola, como dantes.

Adriana sente um renovado orgulho do bairro que escolheu para viver. Está a virar moda. “Parece que cresceu. O pessoal do Largo do Caldas agora já diz que é da Mouraria. Acho bem que tenham reparado no Martim Moniz. É histórico, é um lugar central”, observa. Kamal, a seu lado, concorda. “Gosto das pessoas. O ambiente é seguro e há boas oportunidades para montar um negócio”.

A pobreza ainda é muita

A prostituição e a droga continuam a dar má fama à Mouraria. Arlindo Silva vive no bairro há 40 anos e recorda que, nos anos 80, “já era assim”. “Muitas pessoas perderam o emprego, nos CTT e na Carris, por causa da droga e, mais tarde, acabaram por falecer”, conta. Arlindo, 60 anos, está agora na pré-reforma. Parado perto da paragem do eléctrico que sobe para as portas do Sol, o ex-técnico de telecomunicações da PT observa quem passa. Chineses e indianos, sobretudo. Mas também nepalenses, paquistaneses. Portugueses são, cada vez mais, um minoria.

Esta zona histórica de Lisboa é um mosaico de culturas, de diferenças, de povos. Atributos de longa data. “Conheci o Martim Moniz com feirantes e ciganos”, diz Arlindo. Ali, a Câmara Municipal de Lisboa está a investir na reabilitação urbana. Mas dar um novo rosto ao bairro da Mouraria ainda leva o seu tempo. “Há

estruturas que têm melhorado, mas as habitações e os prédios estão muito degradados”, observa Arlindo Silva. Pelas ruas interiores do bairro, a degradação é notória. São muitas as casas antigas com fachadas pouco arranjadas, por pintar, ou por restaurar.

Aos poucos, porém, as alterações no bairro que abrange as freguesias de Anjos, Socorro, Graça, Santa Justa e São Lourenço vão sendo notadas. O Largo do Intendente é um exemplo que salta à vista. E não apenas pela remodelação arquitectónica. “Está muito melhor em relação há 20 ou 30 anos”, ilustra Arlindo Silva.

Em 2010, um diagnóstico da autarquia lisboeta identificava a prostituição, o tráfico e o consumo de droga como alguns dos principais problemas da Mouraria. As ruas dos Anjos, da Palma e do Benfornoso eram, segundo o documento, as mais afectadas. “Temos ainda o problema dos carteiristas”, nota Arlindo Silva.

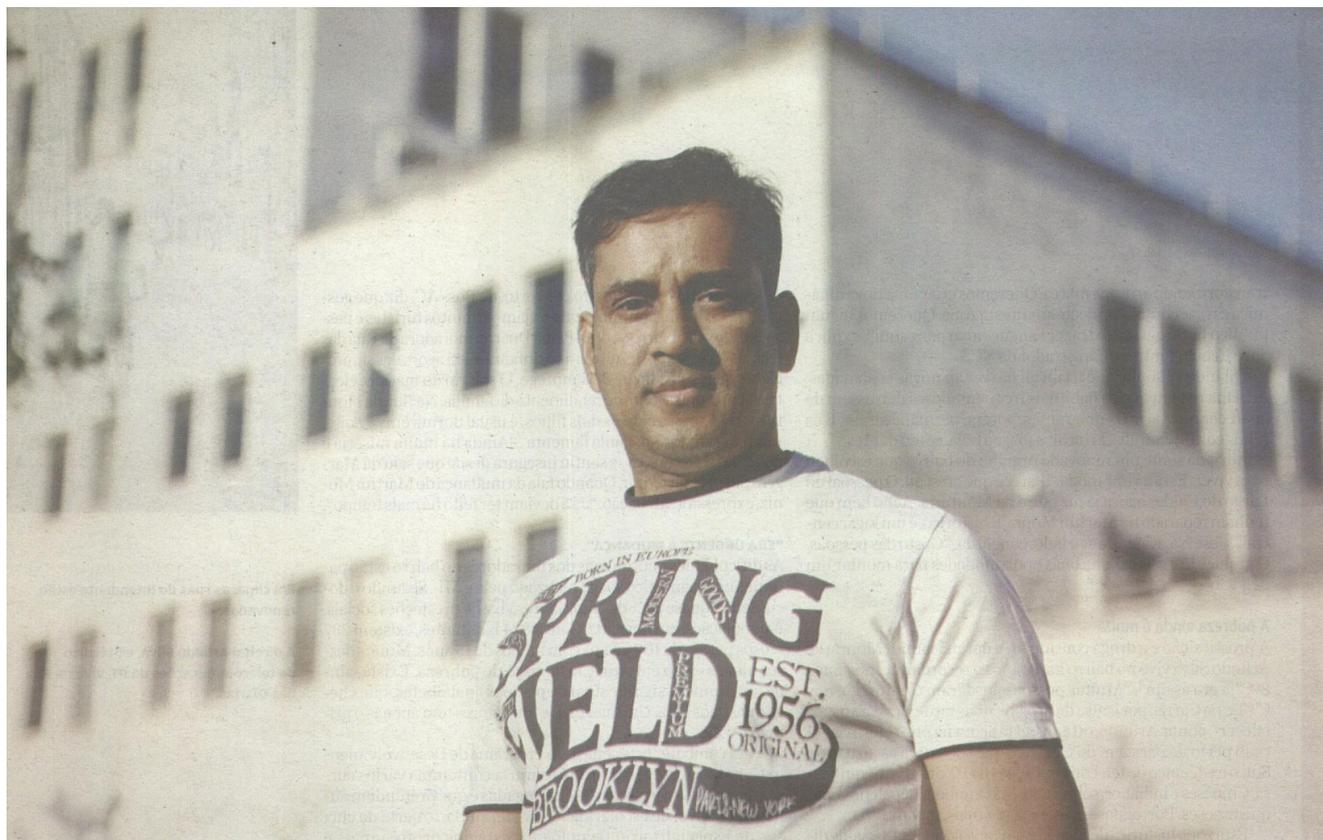
Alguns dos moradores consideram que o “ambiente está a mudar para melhor”. Várias casas antigas estão a ser restauradas. Nasceu uma residência artística no Intendente. Vê-se um “hostel” na Avenida Almirante Reis, onde entram e saem jovens estrangeiros. Caras que eram pouco habituais nesta zona. A Câmara Municipal de Lisboa está apostada em chamar jovens para residirem no bairro, atrair investimento e desenvolver iniciativas de apoio comunitário. “O que queremos é melhorar a vida das pessoas e combater a pobreza e a exclusão social”, refere João Meneses, coordenador do Gabinete de Intervenção Prioritária (GABIP) da Mouraria.

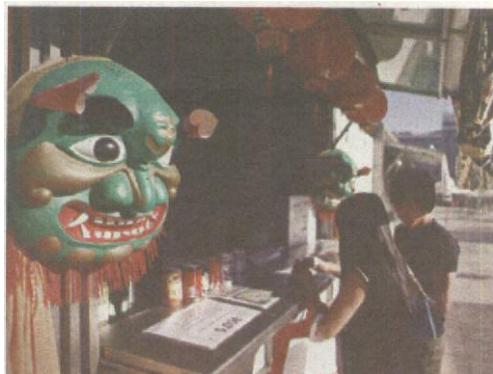
As intenções são as melhores. Na prática, os contratemplos são visíveis. O empreendimento de casas para jovens no Martim Moniz, iniciado há 11 anos, ainda está por terminar. Como noticiou ontem o “Público”, a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa vai ter de recorrer a financiamento bancário para concluir as obras.

Anima-se um bairro onde ainda há muita pobreza

O Largo do Intendente, depois de esteticamente remodelado, é agora palco de animação e de cultura. Desde o início de Julho que recebe ópera, peças de teatro e outras actividades. Há ainda concertos com grupos e artistas como Ricardo Ribeiro e Pedro Jóia, Camané, Marta Hugon e Xutos & Pontapés.

Quem esteve no primeiro concerto, de Boss AC, diz que gostou. “Estava com bom ambiente e viam-se muitos turistas e pessoas de fora do bairro”, conta Paula Duarte, moradora da Rua das Olarias há sete anos. Paula era cozinheira. Está agora desempregada e sem subsídio de desemprego. O salário do marido, electricista, é a única fonte de rendimento da família. Na Rua da Mouraria, onde passa com os dois filhos, é usual dormirem, à noite, muitos sem-abrigo. Paula lamenta. “Ainda há muita miséria e pobreza”. Mas nunca se sentiu insegura desde que saiu da Margem Sul para ali morar. Quando fala da mudança do Martim Moniz, expressa a satisfação. “Já a deviam ter feito há mais tempo”.





Em cima à esquerda: Um dos novos quiosques do Largo do Martim Moniz.

Em cima à direita: Kamal, imigrante do Bangladesh, no Largo do Martim Moniz. Vivia em Londres. Está há um ano em Lisboa.

Em baixo à esquerda: As novas estruturas do Largo do Martim Moniz, que servem para realizar o Mercado de Fusão aos fins-de-semana.

Em baixo à direita: Paula Duarte, moradora da Mouraria, com os dois filhos: Luís e Jessica.

“ERA URGENTE A MUDANÇA”

As dificuldades quotidianas dos moradores do bairro estão patentes no diagnóstico social realizado pela CML. Segundo o documento, quase 20% dos moradores vive de prestações sociais. A população é envelhecida. Com 5.824 habitantes, existem 237

idosos para cada 100 jovens com menos de 15 anos. Muitos desses idosos estão em situação de risco de pobreza. Existe, ainda, um número significativo de pessoas analfabetas, que chega quase aos 10%. Um quarto dos moradores tem apenas o primeiro ciclo.

Para combater este cenário, o Programa de Desenvolvimento Comunitário em curso da Mouraria contempla vários cursos destinados a pessoas desempregadas e que pretendem aumentar o nível de escolaridade. Existe, ainda, a oferta de cursos de especialização tecnológica, estágios profissionais e apoios à contratação.

Para o último trimestre de 2012, a CML prevê que estejam finalizadas as obras do Centro de Inovação da Mouraria. O projecto, cujo investimento está estimado em três milhões de euros, irá funcionar como um espaço de empreendedorismo para pequenas empresas. “A mudança do património físico é mais fácil, leva menos tempo. O tempo de mudança social é geológico pela morosidade. Mas queremos que, independentemente dos resultados das próximas eleições autárquicas, esta seja uma semente para o futuro da Mouraria”, explica João Meneses.

Adriana Freire, que é jornalista com uma coluna de culinária no “Notícias Magazine”, está diante de um novo desafio. No âmbito do projecto camarário do programa dos Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa, vai criar uma cozinha comunitária. Está só à espera de assinar, este mês, o protocolo com a Câmara e receber as verbas para iniciar o projecto. “Todos comem e todos cozinham. Será um local onde as pessoas poderão conviver e haverá partilha de culturas”, explica.

As associações do bairro estão também empenhadas em atrair pessoas como Adriana, com ideias para novos projectos. A Associação Renovar a Mouraria, por exemplo, nasceu há quatro anos com o propósito de chamar a atenção do poder político para aquela zona histórica da cidade. “Era urgente a mudança”, resume Filipa Bolotinha, membro da direcção da instituição. Esta associação tem sido das mais dinâmicas na organização de actividades culturais e de lazer, algumas ligadas ao fado, envolvendo restaurantes e as tascas típicas do bairro.

Em marcha estão as obras do Centro Comunitária da Mouraria, com serviços de apoio à comunidade e que terá uma programação cultural permanente, uma cafetaria e um local para serem realizados “workshops” e acções formativas. A associação quer, ainda, incentivar o “empreendedorismo ao nível do comércio”. “As pessoas estão contentes com a melhoria do espaço público e com a vinda de mais turismo. Estão com a autoestima mais elevada. Mas não queremos que a Mouraria seja um produto turístico. Queremos que exista um equilíbrio”, sublinha Filipa Bolotinha. Além disso, acrescenta, há pessoas que começam a investir nesta zona histórica da cidade, nomeadamente no pequeno comércio. “A Mouraria já perdeu o estigma da insegurança. Vêm-se muitos mais turistas e pessoas a passarem por aqui”, explica. O que se pretende com projecto de revitalização do bairro não é “um processo de higienização, mas, sim, de inclusão”, conclui João Meneses. ■



Concertos em Julho

No Largo do Intendente estão a decorrer várias iniciativas culturais até ao final de Julho. Na passada sexta-feira, Boss AC deu o primeiro concerto. Esta noite, às 22H00, é a vez de Marta Hugon subir ao palco. Amanhã, à mesma hora, os inevitáveis Xutos & pontapés dão um espectáculo. Nas próximas semanas tocarão Ricardo Ribeiro e Pedro Jóia e, também, o fadista Camané. Haverá um espectáculo de ópera e, outro, de teatro. O programa conta ainda com a animação musical a cargo de DJ's, com jogos e actividades de bicicleta. A 28 de Julho, às 15h00, realiza-se um mercado de troca de roupa e de acessórios.



FAXINFORME

CLIPPING

JORNAL DE
negócios



Tiragem: 16.981

Área: 3026cm²/ 81%

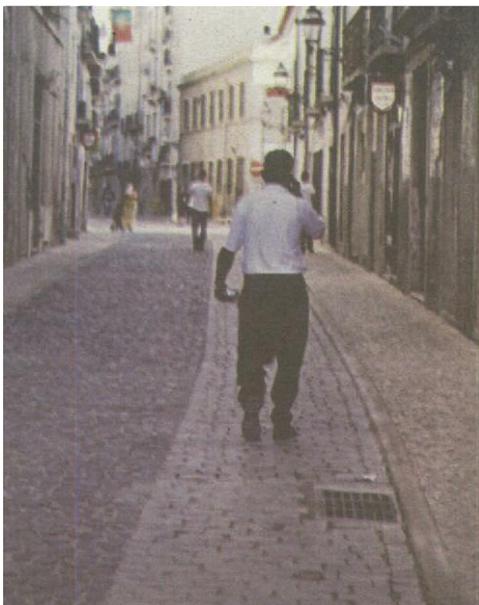
Data: 13.07.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:10;12;11;13



Em cima: as ruas do Intendente estão renovadas.

À direita: Arlindo Silva, ex-técnico de telecomunicações da PT, vive na Rua das Olarias.



Em cima à esquerda: Largo do Intendente está com uma nova cara, com os edifícios arranjados e restaurados.

Em baixo à direita: Adriana Freire escreve sobre culinária e vai abrir uma cozinha comunitária.